

## “O DEUS DO NOVO MUNDO”: O *ETHOS* DIVINO DE LIGHT YAGAMI EM *DEATH NOTE*

Ilto Da Cruz PIRES FILHO<sup>1</sup>  
Renata de Oliveira CARREON<sup>2</sup>

### Resumo

A Análise do discurso produzida no Brasil tem demonstrado interesse em não só deslocar suas fronteiras em relação às teorias desenvolvidas na França como, também, em se debruçar sobre os mais distintos materiais. Tendo em vista o crescente fascínio pelo gênero mangá em solo brasileiro e, além disso, os poucos estudos desenvolvidos no âmbito da AD com os quadrinhos de estilo japonês, este artigo objetiva estabelecer uma análise do *ethos* discursivo de *Light Yagami*, personagem principal do mangá *Death Note*, sob a perspectiva da Análise do discurso, por meio do conceito de *ethos* proposto por Dominique Maingueneau. Mais especificamente, objetivamos, a partir da interdiscursividade com “discursos de divindade” da Bíblia, observar a constituição do *ethos* divino do personagem a partir de seu engendramento com quatro cenografias específicas: de criador, perdoador, julgador e regulador.

**Palavras-chave:** Análise do discurso; *ethos*; *Death Note*; mangá.

### Resumen

El Análisis del Discurso producido en Brasil ha mostrado interés no solo en desplazar sus fronteras en relación a las teorías desarrolladas en Francia, sino también en mirar los materiales más diversos. Ante la creciente fascinación por el género manga en suelo brasileño y, además, los escasos estudios desarrollados en el ámbito de AD con cómics de estilo japonés, este artículo tiene como objetivo establecer un análisis del *ethos* discursivo de Light Yagami, personaje principal del cómic *Death Note*, desde la perspectiva de Análisis del Discurso, a través del concepto de *ethos* propuesto por Dominique Maingueneau. Más concretamente, apuntamos, desde la interdiscursividad con los “discursos de divinidad” en la Biblia, a observar la constitución del *ethos* divino del personaje a partir de su creación con cuatro escenografías específicas: de creador, perdonador, juez y regulador.

**Palabras-clave:** análisis del discurso; *ethos*; *Death Note*; cómics.

### Primeiras palavras

Defendemos, desde sua emergência, que a Análise do discurso de orientação francesa é fundamentalmente transdisciplinar. Em seu canteiro de obras, diversas

<sup>1</sup> Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: [ilto.filho@gmail.com](mailto:ilto.filho@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora temporária da Universidade Estadual de Ponta Grossa (DEEL/UEPG). E-mail: [renatacarreon@gmail.com](mailto:renatacarreon@gmail.com)

teorias, dos mais diversos campos de saber, dialogam para construir os estudos em AD recente. Nesse amplo espectro de pesquisa, cada vez mais a disciplina tem movido suas fronteiras de forma a dar conta dos mais distintos materiais que surgem com o advento de novos tempos, impondo ressignificação de práticas discursivas e, assim, fazendo com que materiais multimodais componham cada vez mais as pesquisas, que passam a se interessar pela “tecnologização dos discursos” (PAVEAU, 2017). Justamente em função disso é que afirmamos que a Análise do discurso feita no Brasil tem adquirido contornos singulares, promovendo deslocamentos teóricos e metodológicos em função de seus materiais de análise.

Ao considerar que não só a teoria empreendida no Brasil, mas também os materiais, funcionam de maneira diversa ao que se tem feito nos domínios da Análise do discurso no mundo, é que trazemos para análise *Death Note*. Uma rápida pesquisa a qualquer buscador *on-line* é capaz de mostrar que o estilo japonês de histórias em quadrinhos, e que alcança enorme sucesso em território brasileiro, têm despertado pouco interesse de analistas do discurso. Uma explicação para isso é que a AD, mesmo a produzida no Brasil, ainda conserva suas raízes de ter como objeto privilegiado de estudo o discurso político e, portanto, vem gerando muito mais pesquisas a partir desse interesse particular. Nesse sentido, Maingueneau afirma “Em numerosos trabalhos de análise do discurso consagrados recentemente ao ethos, há a tendência de privilegiar os textos que são associados a ethos que poderíamos dizer ‘saturados’” (MAINGUENEAU, 2010, p. 80). Desse modo, a AD também parece acompanhar, desde Pêcheux e seu deslumbramento com as máquinas, o avanço de materiais e discursividades, o que nos levou ao interesse pelo mangá. Apesar de sua entrada no país remontar há séculos, o *boom* do interesse pelo gênero só ocorreu em meados de 2000 com a publicação de Cavaleiros do Zodíaco e *Dragon Ball*. Desde então, o consumo dos quadrinhos vem aumentando no Brasil e, por isso, se sempre buscamos em Análise do discurso materiais que nos levem não a corroborar nossas hipóteses mas a testá-las, o material que aqui apresentamos parece seguir nessa direção.

Prova disso é que em um congresso recentemente realizado<sup>3</sup>, pudemos questionar Maingueneau sobre a possibilidade de se levantar a hipótese de um *ethos* divino, ao que ele respondeu: “é preciso pensar sempre segundo o estereótipo do gênero

---

<sup>3</sup> O Sielipop (Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular Instituto de Análise Caipira do Discurso - homenagem a Amadeu Amaral pelo centenário de publicação do livro O Dialeto Caipira) ocorreu em março de 2020 sob a organização do Prof. Dr. Roberto Baronas na UFSCar.

[do discurso] que se está usando. Mas é difícil [pensar nessa hipótese] uma vez que Deus não tem corpo”. Ainda assim, ele citou como exemplo o *ethos* jurídico dos Dez mandamentos. Decorre do que precede que a Bíblia constitui uma cena de enunciação particular, em que sua teatralidade implicada pelo discurso mobiliza cenografias específicas que vão de encontro a uma validação do *ethos* a ser constituído. Assim, já justificando o artigo no contrafluxo do que teria respondido o autor, acreditamos que a “corporalidade” implicada na encarnação de certo *ethos* não corresponde a um corpo que existe de fato, mas a um corpo metafórico, portador de um tom e de uma voz, que são, essencialmente, o que constitui o *ethos*: a imagem de si que é constituída no e pelo discurso, que denotam ao sujeito discursivo determinadas características morais a serem validadas pela cena. Na obra *Variações sobre o ethos* (2020), Maingueneau afirma sobre a noção de *ethos* utilizada na Análise do discurso: “Sua área de rendimento máximo é aquela onde, através de textos escritos ou orais, se define uma identidade individual ou coletiva que, por um trabalho de posicionamento implícito ou explícito, deve fazer ‘boa figura’, mostrar uma forma coerente e significativa para determinada coletividade” (MAINGUENEAU, 2020, p. 168).

Portanto, ao mesmo tempo em que este artigo propõe-se a mostrar que o mangá é material que interessa à AD, também visa mostrar que há caminhos para se pensar em um *ethos* divino uma vez que “determinada coletividade” – aquela que toma a Bíblia como livro sagrado – toma a figura de Deus a partir da sua construção discursiva na Bíblia.

### **1. *Death Note***

*Death Note* (Caderno da Morte) é uma série de mangá – estilo japonês de histórias em quadrinhos –, escrita por *Tsugumi Ohba* com ilustrações de *Takeshi Obata*. A obra foi publicada inicialmente na revista semanal japonesa *Weekly Shonen Jump*, da editora *Shueisha*, no período entre 2003 e 2006, e foi traduzida e publicada no Brasil pela editora *Japan Brazil Communication* (JBC) em dois momentos. A primeira versão seguiu a linha da publicação original japonesa, entre os anos de 2007 e 2008, totalizando treze volumes; a segunda, uma edição luxo denominada *Death Note Black Edition*, foi publicada no ano de 2013 em seis volumes.

O mangá ainda foi adaptado para diversas outras mídias. Foram lançados quatro filmes japoneses em *live-action*, uma adaptação americana produzida pelo serviço de *streaming* Netflix, um *dorama*, um musical e a série animada (*anime*), a qual foi a mais

bem-sucedida, em um total de 37 episódios produzidos pelo estúdio *Madhouse*, exibida entre 2006 e 2007. A animação foi dublada para o português brasileiro e foi transmitida pela primeira vez em 2009, pelo Animax, canal de TV por assinatura, em 2014 pela *Play TV* e posteriormente pelo Netflix. No Brasil, houve ainda uma adaptação para peça teatral realizada pela Companhia Zero Zero de Teatro. Assim, é possível afirmar que *Death Note* é um dos mangás de maior sucesso no Brasil. Corrêa e Gomes (2012, p. 501) classificam-no como um dos mais conhecidos mangás do gênero *Shonen*, voltado para o público masculino, ao lado de títulos como *Dragon Ball*, *One Piece* e *Naruto*.

A obra conta a história de Light Yagami, um estudante do ensino médio que encontra um caderno preto com a inscrição “*Death Note*” em sua capa, derrubado propositalmente no mundo dos humanos por um *Shinigami* (Deus da morte) que estava entediado. Posteriormente, Light descobre que a pessoa cujo nome nele for escrito morrerá, caso o portador tenha seu rosto em mente no momento da escrita. A primeira vítima de Light foi um assassino que havia invadido uma escola e feito uma professora refém, juntamente com seus alunos. Após ter visto seu nome e rosto no noticiário, Light escreveu no caderno e acompanhou o desenrolar pela televisão, surpreendendo-se. No entanto, mesmo tendo acompanhado a morte ao vivo, o personagem ainda não havia se convencido de que o poder do caderno era real e decidiu testá-lo mais uma vez. Enquanto andava pelas ruas, Light deparou-se com uma cena de assédio, na qual um motociclista, ao avistar uma pedestre, dizia a ela seu nome e a chamava para “dar uma volta”. Percebendo que a moça estava desconfortável, Light pegou o *Death Note* e escreveu nele o nome que acabara de ouvir, seguido pela palavra “acidente”. Em seguida, a mulher correu, sendo seguida pelo motociclista que acabou tendo sua vida findada ao ser abalroado por um caminhão.



**Figura 1: Light descobre o poder do *Death Note***

Desde então, o personagem vai sendo seduzido aos poucos pelo poder do caderno, e decide que usará seu poder para acabar com o mal, pois os habitantes, ao perceberem que alguém está encarregado de realizar o julgamento do mal, temeriam que isso pudesse levá-los a morte. A partir disso, Light Yagami autoproclama-se “o Deus do Novo Mundo”.



**Figuras 2 e 3: Light Yagami autoproclama-se “O Deus do Novo Mundo”**

Light continua a fazer uso do *Death Note* durante vários dias, até que a polícia internacional toma notícia do enorme número de mortes e decide investigar o caso. Devido a sua complexidade, a polícia convoca o agente “L”, seu melhor detetive, para descobrir quem é o autor dos assassinatos. A partir disso, a trama transforma-se em duas corridas: da polícia tentando chegar ao que chamam de “assassino em série” e de Light Yagami tentando despistá-la, permanecendo assim até seu desfecho.



Figura 4: A polícia internacional toma conhecimento das mortes provocadas por Light

Portanto, tendo em vista a constituição da narrativa, que aborda alguém que não é Deus, mas *tornou-se*, visamos observar a construção do que parece ser um *ethos* pouco convencional em Análise do discurso: o *ethos* divino. Isso porque, em termos de discurso literário, a construção da imagem de um personagem divino está sempre associada a, de fato, uma prática efetiva de sua divindade: o personagem que convencionalmente apresenta um *ethos* divino ocupa a função de um deus na obra; em termos de discurso religioso, o *ethos* divino está frequentemente associado à figura tida como deus, o que se verifica, por exemplo, na Bíblia. O que queremos afirmar, mas que carecerá, evidentemente, de profundidade, dado o caráter inerentemente conciso de um artigo, é que o *ethos* divino do personagem de *Death Note*, embora dialogue interdiscursivamente com o *ethos* divino cristão, apresenta certo ineditismo ao ser construído a partir da discursividade de um homem – e não de um deus.

## 2. O conceito de *ethos*

Dominique Maingueneau, no âmbito da Análise do discurso de orientação francesa, toma de empréstimo o conceito de *ethos* anteriormente teorizado por

Aristóteles e relido por autores como Ducrot e Charaudeau. Entretanto, ao fazê-lo, o autor objetiva retirar o seu caráter psicologizante e, assim, tornar a categoria mais objetiva, operacionalizando-a. Para isso, Maingueneau publicou diversos artigos e livros ao longo de trinta anos de estudo; em Carreon (2018), abordamos a noção de *ethos* desde sua tese de doutorado em 1987 até seu artigo publicado em 2016 para verificar que a noção tem sido constantemente objeto de estudo e, também, relida dentro dos domínios da AD.

O *ethos* é uma maneira de ser através de uma maneira de dizer. Em outras palavras, o discurso do sujeito leva, mesmo que à revelia, à produção de imagens de si, o que implica dizer que o *ethos* está ligado ao seu engendramento na cena de enunciação, o que faz com que a construção das imagens de si, acreditamos, assumam seu lugar em uma teatralidade discursiva. Estando o *ethos* atado à cena da enunciação, Maingueneau divide-a em três: cena englobante, cena genérica e cenografia. A *cena englobante* corresponde ao tipo de discurso, uma rede de práticas discursivas que cortam um setor da atividade social: publicitário, religioso, político, filosófico. Sendo a cena englobante o quadro a partir do qual os enunciados podem ser produzidos e interpretados, a *cena genérica* é associada ao gênero, realidade tangível, imediata, para os usuários do discurso. Ainda, “enunciar não é somente ativar as normas de uma instituição de fala prévia, como ocorre em uma cena englobante e em uma cena genérica, é construir sobre essa base uma encenação singular da enunciação: uma *cenografia*.” (MAINGUENEAU, 2015, p. 70, tradução nossa<sup>4</sup>). Em outras palavras, os sujeitos desempenharão, na teatralidade que a cena de enunciação impõe ao sujeito, um papel frequentemente previsto pela cena genérica, e esse papel, entendido aqui como cenografia, estará diretamente ligado à construção do *ethos*:

A cenografia, com o *ethos* da qual ele participa, implica um processo de enlaçamento: desde sua emergência, a fala é carregada de certo *ethos*, que, de fato, se valida progressivamente por meio da própria enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra: ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la. (MAINGUENEAU, 2008, p. 71)

---

<sup>4</sup> Texto original : « Énoncer, ce n'est pas seulement activer les normes d'une institution de parole préalable, en l'occurrence une scène englobante et une scène générique, c'est construire sur cette base une mise en scène singulière de l'énonciation : une scénographie »

Assim, em se tratando da constituição de uma cena de enunciação, um *ethos* sempre será fabricado, validado pela cenografia ali instituída. Implica dizer que, muito frequentemente, a cena genérica prevê determinados papéis que podem ser desempenhados, como, por exemplo, em um debate televisivo, um candidato pode adotar um papel tanto professoral, daquele que explica, daquele que ensina, quanto de pai de família, daquele que zela pelos seus. E toda essa teatralidade da cena implicará na construção de uma imagem do sujeito constituída no e pelo discurso: o *ethos*:

Algo da ordem da experiência sensível entra em jogo na comunicação verbal. O “fiador” vê atribuídos a si um caráter e uma corporalidade, cujo grau de precisão varia de acordo com os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Já quanto à “corporalidade”, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de se vestir, a um modo de se mover no espaço social, a um comportamento. O destinatário constrói, de maneira mais ou menos fluida, mais ou menos consciente, a figura desse fiador apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais estereotipadas, valorizadas ou desvalorizadas, que a enunciação contribui para reforçar ou transformar. (MAINGUENEAU, 2020, p. 14)

É importante destacar, então, que nos atentaremos à representação social de divindade sob o ponto de vista ocidental, sem deixar de lado o fato de que a obra se passa no Japão, uma sociedade com costumes diferentes em relação aos ocidentais. Tendo isso em vista, para ilustrarmos de maneira mais nítida a representação ocidental de divindade, usaremos algumas passagens da Bíblia, livro em que estão fundamentadas as religiões ligadas ao cristianismo, em especial os trechos em que estão representados os discursos da divindade.

### 3. O *ethos* divino

Eximindo-nos de questões teológicas ligadas a uma representação divina por parte de inúmeras religiões professadas no Ocidente ou mais especificamente no Brasil, afirmaremos que há certa regularidade no *ethos* divino ocidental, uma vez que boa parte das religiões adotam a Bíblia como livro sagrado. Nela, é possível observar vários caracteres morais atribuídos a Deus, nos mais diversos livros. Levantamos aqui, eis nossa hipótese, que a construção desse *ethos* divino ocorre de maneira semelhante em *Death Note* a partir de uma relação interdiscursiva com a própria compreensão social da figura de Deus. Mais especificamente, o *ethos* divino da Bíblia é tecido a partir de dois eixos principais: poder e bondade; assim, tendo Deus poder ilimitado, ele é capaz de criar aquilo que bem entende: um universo, a humanidade e um conjunto de regras de



conduta a serem seguidas e, dentre elas, o discurso de benevolência costura aquilo que se espera de alguém que pratica sua fé. Em função das regras alicerçadas na bondade do ser humano, Deus se mostraria então juiz daqueles que não as seguissem.

Afirmamos, portanto, que o *ethos* divino se ampara no engendramento de cenografias diversas que são requeridas pela cena, mas que se ancoram sobretudo na figura do criador, regulador, julgador, perdoador. Apresentamos, a seguir, trechos da Bíblia que funcionam como o discurso primeiro e regulam o funcionamento de um *ethos* divino que, interdiscursivamente, dá sustentação ao *ethos* de Light Yagami.

### **Cenografia: o criador**

Na visão ocidental de divindade, atribui-se a ela o poder da criação do mundo. Na Bíblia, os enunciados ligados à criação estão dispostos, principalmente, no capítulo *Gênesis*, cuja autoria é atribuída, pela crítica literária, a diversos autores. Considerando a cena da enunciação em que a criação do universo é narrada, a cenografia assumida pela figura mítica divina é a de criador, cujo poder é tão grande que apenas por sua vontade é possível gerar todo um universo:

“Disse Deus: ‘Haja luz’, e houve luz.”	Gênesis 1:3
“Depois disse Deus: ‘Haja entre as águas um firmamento que separe águas de águas’”.	Gênesis 1:6
“E disse Deus: ‘Ajuntem-se num só lugar as águas que estão debaixo do céu, e apareça a parte seca’. E assim foi.”	Gênesis 1:9

### **Cenografia: o julgador**

Sendo o criador do universo e da humanidade, atribui-se ainda a ele a incumbência do julgamento e possível punição das ações dos homens:

“O Senhor viu que a perversidade do homem tinha aumentado na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal.”	Gênesis 6:5
“Disse o Senhor: ‘Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, os homens e também os animais, grandes e pequenos, e as aves do céu. Arrependo-me de havê-los feito.’”	Gênesis 6:7

"Eis que vou trazer águas sobre a terra, o Dilúvio, para destruir debaixo do céu toda criatura que tem fôlego de vida. Tudo o que há na terra perecerá."	Gênesis 6:17
--	--------------

### Cenografia: o perdoador

Tem-se, ainda, além do discurso da justiça divina aos que merecem, o perdão aos que vivem conforme o modelo estabelecido pela divindade:

"A Noé, porém, o Senhor mostrou benevolência."	Gênesis 6:8
"Noé era homem justo, íntegro entre o povo da sua época; ele andava com Deus."	Gênesis 6:9
"Deus disse a Noé: 'Darei fim a todos os seres humanos, porque a terra encheu-se de violência por causa deles. Eu os destruirei com a terra'"	Gênesis 6:13
"E, quando estiverem orando, se tiverem alguma coisa contra alguém, perdoem-no, para que também o Pai celestial perdoe os seus pecados. Mas, se vocês não perdoarem, também o seu Pai que está nos céus não perdoará os seus pecados".	Marcos 11:25-26
"Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça."	João 1:9

### Cenografia: o regulador

Por fim, a divindade assume papel regulador, ou seja, estabelece regras nas quais a vida deverá ser baseada, ao mesmo tempo em que lembra de sua face julgadora e misericordiosa.

"Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor, o teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que me amam e obedecem aos meus mandamentos."	Êxodo 20:5-6
--	--------------

Em síntese, podemos inicialmente hipotetizar de que há um *ethos* divino criado, sobretudo no Velho Testamento da Bíblia, a partir das quatro cenografias anteriormente levantadas. No contexto ocidental, tal *ethos* divino é de um ser com poder de criação, que julga e pune o mal, perdoa os justos e estabelece regras a fim de manter a ordem no mundo que criou. Considerando, portanto, que no Ocidente qualquer outra construção de imagem divina sempre polemizará (em diálogo ou conflito)

interdiscursivamente com o deus das religiões cristãs é que levantamos os trechos anteriores para construir um percurso até o *ethos* divino de Light Yagami.

### Light Yagami



**Figura 5 e 6: Light promete a criação de um mundo melhor por meio do julgamento do mal**

Na figura 5, após se dar conta do poder do *Death Note*, Light Yagami idealiza um projeto de mundo ideal que pretende criar com o julgamento do mal: “*eu construirei um mundo onde haverá apenas pessoas de bom coração*”; “*daí, um dia as pessoas vão perceber...que fazer o mal só vai levá-las à morte*”. Já na figura 6, apesar de suas limitações, Light reforça seu ideal da criação de um mundo perfeito: “*mesmo assim...a todo custo, criarei um mundo privado do mal...só me falta tempo*”. Assim, em uma primeira análise, observa-se que o discurso de bondade é retomado para ressaltar as normas de conduta aceitas pelo “novo deus”: é preciso ser bom, do contrário, haverá morte. À cenografia do regulador, que de fato regula aquilo que pode e deve ser feito no seu mundo, soma-se a do julgador, que punirá com a morte aqueles que lhe desrespeitarem; além disso, o poder do criador aparece em “construirei um mundo”, reafirmando o potencial divino do seu discurso.

Nas figuras de 7 a 9, pode-se notar a forte presença da cenografia de julgador, mais uma dos que compõem a imagem de divindade:



**Figura 7: Light Yagami clama seu julgamento ao mundo**

Na figura 7, o personagem promete a morte aos seres que “apodreceram” com o mundo, ao mesmo tempo em que exclui da punição aqueles que não fazem o mal. Tem-se a presença da cenografia de julgador e, intrinsecamente, a do regulador, pois há um “mandamento” implícito na emergência desse enunciado. Interdiscursivamente, o sujeito retoma a fala de Deus na Bíblia: “*Darei fim a todos os seres humanos, porque a terra encheu-se de violência por causa deles. Eu os destruirei com a terra.*”; uma vez que ambos prometem a morte aos humanos, sobretudo por não estarem de acordo com aquilo que o regulador estabelece como princípios de conduta.



**Figura 8: Light Yagami planeja que o mundo saiba da existência do Deus do Novo Mundo**

Tornando o mundo ciente de sua existência, Light espera que as pessoas, por saberem que há alguém julgando e punindo o mal, não o façam por medo. Aqui, tem-se

mais uma vez a cenografia do regulador e julgador, potencializando sua divindade: que seja feita a sua vontade, de acordo com o seu julgamento.



Figura 9: Light Yagami é confrontado pelo suposto agente e o julga

Na figura 9, o personagem reafirma seu *ethos* dito como “deus” enquanto assistia uma transmissão ao vivo, na qual um condenado à morte finge ser o agente “L” para provocá-lo, fazendo com que Light o mate e que o verdadeiro agente descubra seu paradeiro, pois a transmissão estava sendo feita apenas para uma região do Japão. Após o suposto agente dizer que Light estava errado, ocorre a manifestação do julgador, criador e regulador: os que se opõem a deus são “*malignos e errados*” e, sendo ele “*a justiça*”, o novo deus “*criará um mundo perfeito e salvará os oprimidos*”. Seu *ethos* divino, no entrelaçamento entre regulador, criador e julgador, opera interdiscursivamente com o próprio deus cristão que, a partir de um código de conduta no mundo criado por ele, as pessoas serão punidas ou perdoadas. É possível recuperar do capítulo de Marcos essa figura divina que pune ou perdoa: “*E, quando estiverem orando, se tiverem alguma coisa contra alguém, perdoem-no, para que também o Pai celestial perdoe os seus pecados. Mas, se vocês não perdoarem, também o seu Pai que está nos céus não perdoará os seus pecados*”. No entanto, apesar de demonstrar querer “salvar os oprimidos”, o personagem não assume, em nenhum momento, a cenografia

do perdoador, fazendo com que seu *ethos* divino seja, fundamentalmente, criador e punidor.

## Conclusão

A Análise do discurso tem se interessado, cada vez mais, em avançar com teorias e métodos a partir de novos materiais. Tentamos demonstrar com este conciso artigo que os quadrinhos de estilo japonês podem fazer render conceitos já muito utilizados em pesquisas, sobretudo no Brasil. O *ethos*, noção amplamente trabalhada, parece vigorar em um material que dialoga com o discurso religioso sem aderir a ele. Mais do que isso, a hipótese de *ethos* divino que aqui apenas se inicia, a partir de cenografias variadas, parece ser interessante se pensado a partir da peculiaridade daquele que não é deus, mas tornou-se e, com isso, foi impelido a pensar em “regras de conduta” para a criação “de um novo mundo”.

Sendo assim, pensar na imagem divina de Light Yagami nos pareceu provocativo, pois a polêmica inegável com o discurso religioso cristão parece ser constitutiva de um diálogo entre esses discursos divinos. A clara relação com o discurso de bondade associado a uma recompensa divina nos faz pensar que o manual de boa conduta divino, tanto na Bíblia quanto em *Death Note*, tem tópicos semelhantes, alterando, então, a forma de julgamento àqueles que não o seguirem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARREON, R. O. **Comunicação política e(m) imagens de si: percursos a caminho do ethos semiotizado**. 2018. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

CORRÊA, S. P.; GOMES, N. S. **O Mangá no Brasil e sua linguagem**. In: Revista Philologus, Ano 18, Nº 54 – Suplemento: Anais da V JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. p. 498 - 509.

DEATH NOTE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Death\\_Note&oldid=56120616](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Death_Note&oldid=56120616)>. Acesso em: 23 nov. 2019.

DEATH NOTE. In: BIBLIOTECA Brasileira de Mangás. Disponível em: <<https://blogbbm.com/manga/death-note/>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

MAINGUENEAU, D. **A propósito do ethos**. In: MOTTA, Ana. Raquel; SALGADO, Luciana. (Org.). Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11 – 29.

\_\_\_\_\_. **Cenas da Enunciação**. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **La philosophie comme institution discursive**. Limoges: Editora Lambert-Lucas, 2015.

\_\_\_\_\_. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.

OHBA, T.; OBATA, T. **Death Note**, Editora Shueisha. Japão 2003.

PAVEAU, M-A. **L'Analyse du discours numérique. Dictionnaire des formes et des pratiques**. Paris: Hermann. 2017.

### **Como referenciar este artigo:**

PIRES FILHO, Ilto Da Cruz; CARREON, Renata de Oliveira. “O Deus do novo mundo”: o ethos divino de Light Yagami em *Death Note*. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.38, n.1, jan./jun. 2021 p. 149-163.